

RADIOGRAFIA DE UMA EXPERIÊNCIA: O ARQUIVO DE JULIETA TELLES DE MENEZES

MARIANA DE CARVALHO DOLCI*
RICARDO GODOI OLIVEIRA**

“Julietta Telles de Menezes, com a sua probidade admirável, soube criar um equilíbrio delicioso entre o canto popular e a interpretação erudita, sem deformar coisíssima nenhuma.”

Mário de Andrade

Esta comunicação é fruto de uma experiência educativa conduzida pela Associação de Arquivistas de São Paulo: o laboratório. Sua proposta é desenvolver um trabalho arquivístico concreto (não apenas fundamentado em exercícios) e completo (com começo, meio e fim), passível de publicação e de autoria coletiva dos que dele participam, extrapolando a condição originária de estratégia de aprendizagem.

Sob a coordenação de Ana Maria de Almeida Camargo, o laboratório focalizou o tema dos arquivos pessoais e teve início em 11 de abril de 2015, com desenvolvimento previsto para sete sábados, cada qual com oito horas de duração. A fim de realizá-lo, a ARQ-SP obteve a custódia temporária do arquivo da cantora e professora de canto Julietta Telles de Menezes (1891-1961). A escolha do material levou em conta não só a importância da artista, mas os desafios metodológicos sugeridos pelas lacunas existentes na própria documentação.

A TITULAR

Julietta Telles de Menezes nasceu no Rio de Janeiro no dia 5 de março de 1891. Era filha de Eduardo França, médico de ascendência baiana, e de Evangelina Lima Ferreira França. Foi casada com o médico João Bastos Telles de Menezes, com quem teve três filhos: Edgard, Yolanda e Yeda, que veio a se tornar Miss Brasil em 1932 e, mais tarde, a pianista que acompanharia a mãe nos recitais.

Estudou canto com Cândida Kendall e Roxy King Shaw, aperfeiçoando-se, mais tarde, com Ninon Vallin. Foi aluna de dicção de Madeleine Manuel, premiada discípula de Coquelin. Em 1921, iniciou sua carreira como cantora, apresentando-se em concertos do Trio Beethoven e da Sociedade de Cultura Musical, no Rio de Janeiro. Em 1925, diplomou-se em canto pelo Instituto Nacional de Música, do Rio de Janeiro, onde em recitais de pequenos conjuntos de obras de Villa-Lobos cantou em primeira audição, com Paulina d'Ambrósio, a *Suite para canto e violino*.

No ano seguinte foi aprovada em concurso para livre-docência no mesmo Instituto e estreou no Teatro Municipal, cantando, com Bernardo de Muro e sob a regência de Ângelo Questa, a ária de *Carmen*, de Georges Bizet (1838-1875). Ainda em 1926, participou, com Villa-Lobos, Paulina d'Ambrósio, Adauto Filho e Manuel Bandeira, dos programas

* Doutoranda em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

** Profissional de organização de arquivos do Centro de Memória da Unicamp.

organizados por Roquete Pinto, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em 1927, em Buenos Aires, Argentina, realizou vários recitais, divulgando a obra de músicos brasileiros. Nessa ocasião, gravou em disco *A casinha pequenina*, de Ernani Braga, acompanhada pelo autor ao piano, e *Cantiga*, de Barroso Neto.¹

Julieta Menezes especializou-se como camarista² e dedicou-se à apresentação de programas de canções folclóricas com harmonizações eruditas, sendo considerada precursora no país de tal gênero. Apresentou, em primeira audição, composições de autores brasileiros, como *A viola* (das Miniaturas), de Villa-Lobos, em Buenos Aires (1927); *Toada para você*, de Lorenzo Fernandes, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1928); e *Lágrimas de cera*, de Francisco Braga, no mesmo Teatro Municipal (1929), entre outras. A partir de 1930 incentivou o intercâmbio musical entre o Brasil e os países do Prata, tornando-se também constante divulgadora da música brasileira e da sul-americana na Europa.

Em 1932 e 1933 realizou inúmeros recitais na Espanha, Alemanha e França, com programas de música brasileira e sul-americana. Em 1933 apresentou, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, canções folclóricas em primeira audição, cantadas em português, catalão, quíchua, francês e ídiche. De 1938 a 1944 regeu a cadeira de dicção da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.³

Em reconhecimento ao trabalho de intercâmbio cultural de Julieta Telles de Menezes, artistas argentinos ofereceram o seu busto em mármore, de autoria de Luis Perlotti, ao Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Julieta Telles de Menezes faleceu no Rio de Janeiro no dia 21 de julho de 1961.



Julieta Telles de Menezes
(Fonte: Arquivo Julieta T. Menezes, IEB-USP)

¹ Este disco não está presente no conjunto documental de Julieta Telles de Menezes; encontra-se hoje no Instituto Moreira Salles.

² Atualmente a expressão é usada para qualquer música executada por um pequeno número de músicos. A palavra câmara indica que a música pode ser executada em salas pequenas, geralmente com uma atmosfera mais íntima. Nesta categoria geralmente não está incluída a música para instrumento solo; entretanto, é comum incluir obras para piano solo, dependendo da ambientação. Sua composição é destinada a um pequeno número de instrumentos ou vozes - geralmente, até o máximo de dez.

³ Porém, terminou com dezessete pessoas: Ana Paula Andrade Marques, Cristina Flores Penha Valle, Elisa Silva Ril, José Francisco Guelfi Campos, José Victor das Neves, Judie Kristie Pimenta Abraham, Juliana Ferreira de Carvalho, Karoliny Borges, Lilian Miranda Bezerra, Mariana de Carvalho Dolci, Melânie Vargas de Araújo, Milena Di Lei, Murilo Rene Schoeps, Nayara Maria Aires de Oliveira, Paula Faraone, Ricardo Godoi Oliveira e Tayná Barreto Pinto.

O LABORATÓRIO

Em 2001, em entendimento com seu diretor, Murillo Marx, Yeda Telles de Menezes doou ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo programas de recitais, recortes de revistas e jornais, fotos e partituras musicais que pertenceram à sua mãe. Em nenhum momento mencionou o fato de ter doado a instituições cariocas, em 1961, alguns meses depois do falecimento da artista, grande parte do arquivo de Julieta Telles de Menezes. Nós não sabíamos deste fato, até manusearmos a documentação e lermos a notícia num dos recortes de jornal. Isto mudou a configuração que se pretendia dar ao instrumento descritivo, obrigando a uma série de pesquisas paralelas.

O grupo, composto por vinte pessoas³ de diversas formações e trajetórias profissionais, discutiu, na primeira reunião, a melhor metodologia a ser aplicada ao arquivo, de modo a vincular os documentos ao seu contexto de origem. A verificação das lacunas e a dispersão do arquivo obrigou-nos a investigar o paradeiro do material doado em 1961 a instituições do Rio de Janeiro e a buscar informações complementares em repositórios digitais de publicações periódicas.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA NO CONTEXTO NACIONAL

Definidos como obras de referência “com a finalidade de controle e de acesso ao acervo” (BELLOTTO; CAMARGO, 1996: p. 45), os instrumentos de pesquisa são fundamentais para a disponibilização dos documentos aos usuários de um arquivo. Sua elaboração está atrelada ao processo de descrição, “única maneira de possibilitar que os dados contidos nas séries e/ou unidades documentais possam ser alcançados pelos pesquisadores” (BELLOTTO, 1991: p. 108). Segundo Andrade e Silva, “a descrição arquivística é o processo em que o arquivista cria representações de um determinado acervo arquivístico, explicitando o contexto e conteúdo do acervo” (ANDRADE; SILVA, 2010: p. 145).⁴

A descrição, desenvolvida a partir da classificação apropriada dos documentos, deve considerar os princípios arquivísticos e as particularidades de cada conjunto. Lopez reforça que “a classificação arquivística, desprovida das atividades de descrição, somente é inteligível para as pessoas que organizaram o acervo” (LOPEZ, 2002: p. 12). Oliveira sublinha a necessidade de compreender a “descrição como um processo de pesquisa objetivando produzir conhecimento sobre os acervos” (OLIVEIRA, 2012: p. 51). Segundo a autora, entender a descrição apenas como atividade de elaboração de instrumentos de pesquisa compromete a dimensão científica deste processo, reforçando aspectos práticos “até o ponto da produção de modelos de 'confecção' de descrição” (2012, p. 52).

Dentro do contexto brasileiro, o processo de descrição dos documentos e de elaboração de instrumentos de pesquisa nos arquivos permanentes evita, tradicionalmente, alcançar o item documental. Se na literatura arquivística nacional existe um quadro já limitado de instrumentos de pesquisa⁵, a hierarquia destes instrumentos⁶ nas instituições de

⁴ Estes autores sugerem que o termo “instrumento de pesquisa” não reflete seu real significado, já que “a pesquisa, de fato, realiza-se no documento obtido e não no ou com o instrumento continente da representação do acervo” (ANDRADE; SILVA, 2010, p.146), propondo em seu lugar o uso do termo “instrumentos arquivísticos de referência”.

⁵ “Há os genéricos e globalizantes, como os quadros de fundos e os guias, e há os parciais, que são detalhados e específicos, tratando de parcelas do acervo como os inventários, catálogos, repertórios e índices...” (BELLOTTO, 1991: p. 108). Bellotto cita também as “edições de fonte”.

custódia raramente ultrapassa a fronteira do inventário. Apesar de a confecção de instrumentos de pesquisa ser uma tarefa inerente às instituições detentoras de acervos arquivísticos, a elaboração de descrições minuciosas através de catálogos e índices é desestimulada entre os profissionais da área⁷. Entre outros motivos está o fato de que muitas instituições brasileiras contam com recursos e equipes reduzidas, e se veem, portanto, condicionadas a políticas de descrição que privilegiam uma visão geral dos acervos.

A elaboração de instrumentos de pesquisa é ainda mais complexa quando se trata de arquivos de pessoas⁸. Nestes casos, a dificuldade gerada pela presença de espécies documentais inusitadas provoca o uso simplista de categorias como “miscelânea” ou “diversos”⁹. Além disso, a ausência de uma estrutura orgânica, ou mesmo de um esquema racional que, à semelhança do que ocorre nas instituições, pudesse permitir a classificação dos documentos, faz com que se utilizem critérios padronizados e universais na descrição dos arquivos pessoais. Camargo critica tais abordagens, afirmando que “arquivos pessoais são arquivos”, defendendo

“a necessidade de preservar a integridade do fundo e o sistema de relações que os documentos mantêm entre si e com o todo; o respeito à proveniência; a primazia do contexto sobre o conteúdo (ou do valor probatório sobre o valor informativo), nas operações de arranjo e descrição; e a impermeabilidade do arquivo em face de seu uso secundário.” (CAMARGO, 2009: p. 28)

Ao descartar a utilização de divisões hierarquizadas e de macro-categorias de classificação, nosso grupo optou pela busca do contexto mais imediato de produção dos documentos e de sua distribuição linear ao longo do tempo. A construção de uma cronologia da vida da artista tornou-se, assim, o fio condutor do instrumento descritivo.

DESCREVENDO OS DOCUMENTOS

O primeiro passo do trabalho no laboratório foi a atribuição de códigos para individualizar cada documento, criando seu endereço definitivo. Através de um código formado por três segmentos, o sistema de notação considerou a necessidade da otimização do espaço de guarda e a conservação apropriada dos documentos. Depois de numerados, os documentos receberam tratamento individualizado através do preenchimento de uma ficha de descrição, com campos relacionados ao documento e seu contexto de produção.

⁶ “A elaboração dos instrumentos de pesquisa deve ser sucessiva, indo-se do geral para o parcial.” (BELLOTTO, 1991: p. 141).

⁷ “Apenas em algumas situações excepcionais, ligadas à política de acervo da instituição, ou a interesses muito específicos de consulta, é que o tratamento descritivo de unidades se justifica. A descrição extremamente detalhada de peças documentais isoladas, por meio de catálogos e de índices, deve ser encarada como uma exceção no universo dos arquivos.” (LOPEZ, 2002: p. 38).

⁸ “Fundada essencialmente em um fazer, a Arquivologia não gozou, ao longo de seus processos de institucionalização e desenvolvimento, da articulação entre teoria e prática, de modo que as estratégias de tratamento documental – sobretudo no caso dos arquivos pessoais – parecem ter sido fruto do paulatino exercício de tentativa e erro e de experiências de transposição dos métodos originalmente criados para os arquivos institucionais, sob a égide dos conhecimentos tácitos cristalizados entre os arquivistas e do 'bom senso' de cada profissional.” (CAMPOS, 2014, p. 31).

⁹ “Nos arquivos pessoais, em que o uso de termos coletivos é uma constante (correspondência, produção intelectual, fotografias, recortes), encontram-se muitos documentos que, decorrentes ou não de relações interpessoais, jamais foram repertoriados, em detrimento de sua adequada classificação.” (CAMARGO, 2009: p. 34).

A ficha permitiu a identificação de quesitos como espécie/tipo documental, formato, suporte, forma, dimensões, problemas de conservação, atividade/evento, especificação do evento, responsabilidade e descritores. O significado e o modo de preenchimento de cada campo ficaram estabelecidos através de manual, que foi sendo reelaborado ao longo do laboratório para a inclusão de novos termos. O preenchimento da maioria dos campos foi feito mediante aplicação de códigos numéricos, a fim de garantir homogeneidade no processo descritivo e evitar ao máximo o uso de vocabulário espontâneo. Foram criados glossários de documentos e de tipos de atividades e eventos, apoiando o preenchimento de alguns campos necessariamente discursivos. Vale lembrar que este processo de descrição foi feito com lápis e papel, já que não havia estrutura equipada com computadores em número suficiente.

A área de contexto da ficha de descrição destinou-se ao levantamento de dados sobre as atividades e eventos relacionados com a trajetória da titular. A descrição envolveu a pormenorização do tipo de atuação e de características como local, data e responsáveis pelo documento. Tais informações fundamentaram a montagem de uma cronologia, na qual foram organizadas, sob a forma de verbetes, as atividades e os eventos cuja dimensão temporal foi possível demarcar. Para a redação dos verbetes da cronologia estabeleceu-se o uso da 3ª pessoa do singular, no presente do indicativo.

Numa etapa seguinte, os documentos foram relacionados ao longo da sequência cronológica linear das atividades do titular, em lapsos de tempo que tomam por unidade o ano e, eventualmente, o mês e o dia. Para viabilizar a pesquisa, tornou-se imprescindível complementar a cronologia através da elaboração de índices, estruturados da seguinte forma: uma lista alfabética geral de todos os termos utilizados, com nomes de pessoas, instituições, lugares, títulos de eventos e obras, e listas alfabéticas correspondentes a estratos significativos para a trajetória da titular. Dos elementos da ficha de descrição derivam as diversas possibilidades de agrupar os documentos, formando, por exemplo, séries representativas de sua vida artística (ex: interpretação musical, homenagens recebidas, fortuna crítica), de sua vida familiar, de seu universo de interesses, assim como de espécies e tipos documentais.

Esta metodologia evita uma classificação estanque, permitindo que os mesmos documentos possam ser relacionados a mais de um evento, e também que sejam referenciados em mais de um índice. Ao reunir documentos de espécies diferentes, os verbetes da cronologia constituem dossiês em torno de cada atividade ou evento.

EXPANDINDO O INSTRUMENTO DESCRITIVO

Com o andamento dos trabalhos do laboratório, ficou claro que a construção de uma cronologia baseada apenas nos documentos do IEB-USP seria insuficiente para refletir a trajetória da artista. Decidiu-se então incorporar ao instrumento descritivo o material custodiado por outras instituições: Museu da Moda Brasileira (RJ), Biblioteca Nacional (RJ) e CEDOC do Museu do Teatro Municipal (RJ).

A fim de tornar o trabalho o mais completo possível, muitas pesquisas foram realizadas fora do espaço do laboratório, contando com o esforço de todos os participantes: levantamento de dados básicos sobre os descritores (pessoas e instituições) e, sobretudo, rastreamento de repositórios digitais de periódicos. Todo o tipo de material publicado sobre a titular na imprensa brasileira, sul-americana e europeia da época -

notícias, programas, resenhas e crônicas musicais - foi recolhido e copiado em meio digital para completar o conjunto do IEB-USP.

O resultado traz alguns diferenciais em relação aos trabalhos que se desenvolvem normalmente em instituições arquivísticas. Mesmo tomando como ponto de partida o acervo do IEB-USP, a pretensão de abranger documentos sob custódia de outras instituições já representa uma certa liberdade na própria concepção do instrumento.¹⁰ A ousadia maior foi a de considerar a matéria jornalística coletada não apenas como fonte para compor uma cronologia mais minuciosa da vida de Julieta Telles de Menezes, mas para integrar os conjuntos de documentos que efetivamente se ligam às atividades e eventos de sua trajetória.

A configuração do índice também pode ser considerada outra ousadia metodológica. Apesar de indicados na literatura arquivística como instrumentos em si, “a forma mais comum de ocorrência dos índices é sua integração dentro de outros instrumentos de pesquisa” (LOPEZ, 2002: p. 33). Foi nesse sentido complementar que o elaboramos, mas com um elemento inteiramente novo: é ali que ocorrem as estratificações, ausentes no corpo principal do instrumento (marcado pela cronologia linear do titular).

A abordagem individual dos documentos não foi necessariamente um objetivo, mas sim o meio utilizado no processo de descrição para alcançar esta perspectiva geral. O resultado é algo que não se identifica com os instrumentos apontados na literatura arquivística.

Em discussão sobre a modificação de nomenclatura dos instrumentos de pesquisa¹¹, Lopez aponta para a substituição de descrições individualizadas de itens documentais pelos inventários. De acordo com a literatura da área, as opções de instrumentos existentes atualmente são guia, inventário, catálogo, catálogo seletivo e índice.

Nosso problema é, na verdade, o de definir um instrumento híbrido, com as características acima apontadas: verbetes cronologicamente dispostos, cada qual com os documentos correspondentes; conjuntos documentais que, embora pertencentes a acervos distintos, mantêm entre si alto grau de afinidade, a ponto de simularem, em relação às atividades e eventos, verdadeiros dossiês; e um índice estratificado que oferece um sem número de recortes. Tudo isso sem desrespeitar os princípios arquivísticos. Como chamá-lo?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ricardo Sodré; SILVA, Rubens R.G. da. Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência: a publicação dos produtos das descrições arquivísticas em meio eletrônico. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves et al (Org). *Cultura, representação e informação digitais*. Salvador: EdUFBA, 2010, p. 145-162.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli; CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Coord.). *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 1996.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, ano XLV, n. 2, p. 26-39, jul.- dez. 2009.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

¹⁰ Neste ponto ainda é válida a observação de Lopez, que reconhece a importância da descrição de vários acervos para determinadas pesquisas, mas que ela “não deve ser encarada como uma das obrigações da instituição de guarda” (Ibidem, p. 34).

¹¹ “As definições terminológicas dos instrumentos de pesquisa na arquivística brasileira modificaram-se com o tempo, embora o espírito geral da descrição tenha permanecido o mesmo.” (LOPEZ, 2002, p. 34).

CAMPOS, José Francisco Guelfi. *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2014. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LOPEZ, Andre Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo, SP: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial, 2002.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PUBLIFOLHA. *Enciclopédia da música brasileira: popular, erudita e folclórica*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Art Editora, 1998.

RESUMO: *Esta comunicação é fruto de uma experiência educativa conduzida pela Associação de Arquivistas de São Paulo, cuja proposta é desenvolver um trabalho arquivístico concreto e completo. A fim de realizá-lo, a ARQ-SP, obteve a custódia temporária do arquivo da cantora e professora de canto Julieta Telles de Menezes (1891-1961). A escolha do material levou em conta não só a importância da artista, mas os desafios metodológicos sugeridos pelas lacunas existentes na própria documentação doada ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, em 2001. O instrumento descritivo baseou-se em abordagem analítica e funcional, valorizando atividades e eventos imediatamente ligados aos documentos. PALAVRAS-CHAVE: Arquivos pessoais. Descrição. Instrumento de pesquisa.*

RESUMEN: *Esta comunicación es resultado de una experiencia pedagógica conducida por la Asociación de Archivistas de São Paulo, cuya propuesta es desarrollar un trabajo arquivístico concreto y completo. Con el fin de realizarlo, la ARQ-SP obtuvo la custodia temporal del archivo de la cantora y profesora de canto Julieta Telles de Menezes (1891-1961). La elección del material tomó en cuenta no sólo la importancia de la artista, pero los desafíos metodológicos sugeridos por las lagunas de la propia documentación donada al Instituto de Estudios Brasileños (IEB) de la Universidad de São Paulo, en 2001. El instrumento de descripción se basó en un abordaje analítico y funcional, fundamentado en una perspectiva que valora las actividades y los acontecimientos más inmediatamente ligados a los documentos. PALABRAS-CLAVE: Archivos personales. Descripción. Instrumento de descripción.*